



XIENAPOL

TEXTOS DE ORIENTAÇÃO

ABONADOS E DESABONADOS

Luís Tudanca

Abonados e desabonados

Luís Tudanca - EOL

Introdução

Lacan formula pela primeira vez no Seminário 10, *A Angústia*, que “[...] o que a análise descobre no sintoma é que ele não é apelo ao Outro, não é aquilo que [se] mostra ao Outro.”¹

Ele afirma isso no contexto da análise que realiza do *acting out*, no qual, aí sim, verifica-se que se trata de um apelo ao Outro.

Mas Lacan não fica nisso e acrescenta: “o sintoma, por natureza, é gozo, não se esqueçam disso, [...] não precisa de vocês como o *acting out*, ele se basta.”²

Priorizo, nesse momento, sublinhar a ausência de apelo ao Outro e o “ele se basta”. Tentarei justificar tal eleição no que se segue.

Ponto 1: Sintoma e inconsciente necessitam de um grampo

Se o sintoma se basta, sua articulação ao inconsciente não parece ser um dado primário.

Jacques-Alain Miller diz assim: “o inconsciente e o sintoma não pertencem a mesma ordem; afirmar que se enodam [...] é propor que eles são distintos.”³ Isso quer dizer que para falar de sintoma e inconsciente é preciso alguma outra coisa que permita essa articulação que não ocorre sozinha.

Aceitemos que, quando as coisas são apresentadas assim, devemos supor um sintoma bífido: sem Outro (sozinho) e com Outro.

Não é muito arriscado afirmar que o sintoma pode muito bem se relacionar com o inconsciente, assim como pode manter sua não relação de base.

Isso nos levaria a falar do sintoma com inconsciente e do sintoma sem inconsciente. Nesse ponto,

¹ LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: A angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 140.

² Ibid, p. 140.

³ MILLER, Jacques-Alain. *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1998. p. 366. Tradução livre.

Miller afirma que é preciso um grampo entre inconsciente e sintoma.⁴

O grampo é essa “alguma outra coisa” que permitiria uma articulação entre inconsciente e sintoma e que tem, nos diz Miller, distintos valores: Outro, Nome do Pai, *Phi* maiúsculo, cumprindo sua função “[...] entre elementos fundamentalmente separados”.⁵

Com inconsciente supõe, entre outras coisas, o inconsciente estruturado como uma linguagem; o que permitiu a Lacan formalizar o quaternário metafórico a partir do qual se explicam as formações do inconsciente, o sintoma como metáfora, sua possível relação com a verdade, enfim, o inconsciente transferencial.

Sem inconsciente explícita: finalizou-se o deciframento ou ele nem sequer começou. A ninguém interessa historizar nem os dramas da família de origem; mas, ao mesmo tempo, estamos no domínio de *lalíngua*, que não é estrutura, e no do gozo do sintoma.

Poder-se-ia ampliar este tópico, mas me detenho aqui, não sem lembrar que Lacan nos advertiu que: “qualquer crítica que fosse a nostalgia de um inconsciente em seu desabrochar, de uma prática em sua intrepidez ainda selvagem, seria ela mesma um puro idealismo”, ao qual opõe “[...] nosso realismo”.⁶

Conclusão provisória: o grampo é necessário ao sustentar a hipótese, da qual tentarei desenvolver mais argumentos, de que não há relação, há disjunção entre sintoma e inconsciente.

Disjunção aqui “[...] significa não relação”⁷ e põe um limite à noção mesma de estrutura.

Ponto 2: Sintoma e *sinthome*

Falei, até aqui, de sintoma com e sem inconsciente.

Se queremos dar um passo a mais nesse tema, onde vínhamos tratando do sintoma, deveríamos falar de *sinthome*.

Se falamos de *sinthome*, aprofunda-se a diferença que venho apresentando em termos de disjunção.

Miller apresenta a questão da seguinte maneira: “[...] o inconsciente deixa de ser um dado inicial.

⁴ MILLER, Jacques-Alain. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2006. p. 258. Tradução livre.

⁵ Ibid. Tradução livre.

⁶ LACAN, Jacques. O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 332.

⁷ MILLER, Jacques-Alain. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica, op. cit.*, p. 270. Tradução livre.

Para tomar aqui um atalho, direi que o dado primeiro é o *sinthome*.⁸ O *sinthome* “já não é uma formação do inconsciente que possa ser submetida ao deciframento.”⁹

Se não pode submeter-se ao deciframento, falha o que chamamos de sujeito em psicanálise.

Sim, mas agora entramos em cheio no terreno do *parlêtre*, do corpo falante.

Isso nos leva a distinguir, fortemente, entre sintoma e *sinthome*. Miller postula da seguinte maneira: “Qual é, pois, a diferença entre *sinthome* e sintoma? Que o *sinthome* designa precisamente o que o sintoma tem de rebelde ao inconsciente, o que no sintoma não representa o sujeito, o que no sintoma não se presta a nenhum efeito de sentido que produza uma revelação.”¹⁰

Ponto 3: Desabonado do inconsciente

Na última noite preparatória para o próximo ENAPOL, “Começar a se analisar”, a partir dos precisos textos apresentados por Blanca Sánchez e Marina Recalde, tive a oportunidade de recomendar a leitura do capítulo cinco do curso *Sutilezas Analíticas* de Miller.

Postulava, nessa noite, que se nos colocamos ao lado da diferença entre sintoma e *sinthome*, isso abre duas vias: uma que chamei de mais clássica, a do sintoma articulado ao inconsciente; e uma segunda, muito atual, na qual se pode incluir a expressão usada por Lacan com Joyce, retomada por Miller no capítulo mencionado: desabonado do inconsciente.

O primeiro a destacar é que desabonado do inconsciente não é desabonado do *sinthome*.

Assim como nos acostumamos a dizer que há de se pensar a neurose a partir da psicose e não o contrário, abrir-se-ia a possibilidade de começar a pensar os abonados do inconsciente a partir dos desabonados do inconsciente e não o contrário?

Miller realiza um movimento nessa direção. Primeiro, propõe que o *sinthome* “[...] se propõe onde não há inconsciente. É, se quisermos, o negativo do inconsciente”.¹¹

Mas imediatamente ele acrescenta a ideia de que “[...] é muito possível - e, aliás, é o que eu acredito

⁸ MILLER, Jacques-Alain. *Piezas sueltas*. Buenos Aires: Paidós, 2013. p. 19. Tradução livre.

⁹ Ibid. Tradução livre.

¹⁰ Ibid, p. 72. Tradução livre.

¹¹ MILLER, Jacques-Alain. *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires: Paidós, 2011. p. 91. [N.T.: Disponível em português em: MILLER, Jacques-Alain. *Perspectiva dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*. Trad. de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 83.]

- que o *sinthome* comporte um ensinamento para os sujeitos abonados do inconsciente.”¹²

São conhecidos os desenvolvimentos de Miller nesse curso nos quais ele aborda, inclusive se poderia dizer, torna equivalentes os termos singularidade e *sinthome*, sustentados na ideia de que há *sinthome* em cada um.

Desenvolvimento retomado em *El ultimísimo Lacan* no qual reafirma que “o *sinthome* é o singular em cada indivíduo”¹³ e que “o inconsciente não é, com efeito, o que há de singular em cada indivíduo”.¹⁴ Acrescentaria: para o inconsciente, o Outro; para o *sinthome*, o Um.

Ponto 4: Começar a se analisar

Na excelente apresentação feita pela comissão científica do XI ENAPOL para o nosso próximo encontro, afirma-se: “[...] a orientação para o real está presente desde a primeira consulta” e, mais adiante, que “[...] o sujeito contemporâneo e seus novos modos de apresentação sintomática encontrem um espaço propício para se alojar.”¹⁵

Contudo, notamos que nas citações se fala de sintoma e não de inconsciente.

Começar a se analisar é um título provocador: refere-se somente aos abonados do inconsciente? Somente eles poderiam se analisar? Qual termo usar para os desabonados do inconsciente se nos privamos do “se analisar”?

Buscarei outro tratamento bem lacaniano. Proponho: De uma questão preliminar a todo tratamento possível dos desabonados do inconsciente.

Devo reconhecer, não estou convencido. Por que não chamar análise o que vínhamos fazendo desde muito tempo com os desabonados do inconsciente?

Mais uma vez, Miller chega em meu auxílio com seu capítulo cinco de *Sutilezas analíticas*. Ali, ele postula “uma prática pós-joyciana da psicanálise, aquela que não recorre ao sentido para resolver o enigma do gozo, não conta *histeórias* [*hystoires*], mas que, além do discurso do inconsciente, visa restituir, em sua nudez e fulguração, os acasos que nos levaram para cima e para baixo.”¹⁶

¹² Ibid, p. 83.

¹³ MILLER, Jacques-Alain. *El ultimísimo Lacan*. Trad. de Stéphane Verley. Buenos Aires: Paidós, 2013. p. 133. Tradução nossa.

¹⁴ Ibid, p. 134. Tradução livre.

¹⁵ Argumento do XI ENAPOL “Começar a se analisar”. Disponível em: <https://enapol.com/xi/wp-content/uploads/2023/03/ENAPOL-Argumento-y-Ejes-PT.pdf>

¹⁶ MILLER, Jacques-Alain. *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan, op. cit.*, p. 87.

Uma prática *pós-joyciana* é uma tremenda definição. Pode-se captar a orientação, sua lógica, ainda que não a compreendamos de todo: é uma prática mais centrada no *sinthome* que no inconsciente.

Esclarecimento: não fica descartada a operação abonado do inconsciente. Porém, há que se reconhecer que, hoje, há menos candidatos como esses, apesar de muitos sujeitos seguirem procurando um analista.

Direi sem titubear: Há pessoas que não têm uma boa relação com o inconsciente. Ficaremos de braços cruzados?

E para onde conduziremos os abonados do inconsciente... ao incurável, ou seja, ao *sinthome*, que estava lá desde o princípio.

Essa prática *pós-joyciana* recorre às invenções possíveis que cada singularidade vai tecendo, vai construindo em uma análise.

Em relação à essa questão, Lacan avisou: quando um sujeito chega a nos consultar, não sabe. Não sabe o quê? Não sabe saber fazer aí com seu *sinthome*.

Miller chega a falar de “invenções de corporização.”¹⁷

Acompanhamos o sujeito nesse exercício, mas não exatamente como secretários. Não tomamos nota, cerzimos, tecemos, bordamos; Lacan falou de suturas e emendas com o analisante?

Conclusões?

Este texto é preliminar. Nenhuma conclusão. Nada mais que um aporte à conversação que devemos ter.

Tradução: Gustavo Ramos da Silva

Revisão: Renata Martinez

¹⁷ MILLER, Jacques-Alain. *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Paidós: Buenos Aires, 2011. p. 399. Tradução livre.